

formulação de um currículo escolar na perspectiva da emancipação humana ou da inclusão.

Notas

1 Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e

Terra, 1996, p.110.

2 Ernani Maria Fiori, *Textos escolhidos: v. II. : Educação e Política*, Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 83.

* Pedagoga Especialista em Supervisão Escolar - UFRJ; Mestranda em Teologia na Área Religião e Educação IEPG/EST; Professora no Colégio

A maldição de Hera: O lugar do sujeito e o resgatar da fala para além da simples reprodução

Hênio Santos de Almeida*

Dentre as muitas peripécias de Zeus, conta-nos a mitologia grega a história de uma bela e falante ninfa de nome Eco.

Diz a lenda que certo dia estava Zeus, o Rei dos deuses do Olimpo e marido de Hera, paquerando as ninfas do bosque, quando a enfezada esposa deu por sua falta. Indignada e isso com razão, a enciumada esposa desce do Olimpo para dar o flagrante no marido adúltero.

Para sorte de Zeus que, como todo marido, detesta ser pego em flagrante, uma das ninfas, a bela Eco, dona de uma voz aveludada e possuidora do dom da fala e, assim, grande contadora de estórias, percebeu a chegada da deusa e, para salvar o amigo, colocou-se no caminho dela e, como se diz em Minas, "garrrou de conversa", contando-lhe as mais interessantes e longas, é claro, histórias que conhecia.

Resultado? Bem, Zeus, percebendo a chegada da esposa, logo trata de voltar para seus aposentos reais, ou melhor, divinos, e Hera, percebendo-se enganada por uma reles ninfa, resolve vingar-se. Assim, decide lançar uma maldição sobre a pequena amiga de Zeus. A partir daquele momento, Eco perderia o dom da fala e tudo que poderia fazer seria repetir as últimas palavras que lhe dissessem.

Eco, apaixonada por Narciso, não lhe pôde declarar amor. O jovem abandonou-a e a ninfa, desesperada, embrenhou-se nos bosques, fugindo a qualquer convívio.

Definhou tanto que, passado algum tempo, só restou dela a voz que fez eco nas montanhas. Esta é a razão pela qual, ainda hoje, quando falamos diante de um lugar vazio pleno de rochas, ouvimos a voz da triste ninfa a repetir nossas últimas palavras.

A primeira vez que ouvi essa lenda, percebi logo que ela pode servir de metáfora de muitas de nossas relações, sejam elas religiosas, educacionais, familiares ou mesmo políticas.

Mas pensando como teólogo em formação que sou, não pude deixar de pensar no que ela tem a dizer para nós, estudantes de Teologia, e para nossa tão amada Igreja.

É obvio que a lenda vale por si, pois trata como maldição não a perda da fala, mas antes a repetição mecânica daquilo que se ouve. A ligação com a vida social me pareceu e ainda me parece óbvia. Quando os indivíduos de uma comunidade são privados dos mecanismos, dos espaços ou das oportunidades da fala, tenderão a repetir aquilo que lhes for dito.

Parece-me que por muito tempo tem sido assim em algumas igrejas e até mesmo em algumas faculdades. É inevitável pensar na vida religiosa em que sacerdotes e ministros detêm a palavra, seja a revelação ou mesmo a pregação. Neste caso é Deus quem fala, ou melhor, uns poucos falam por Ele. É também inevitá-

vel, ainda, pensar em algumas faculdades onde alunos aprendem e professores ensinam, onde mestres falam e discípulos ouvem. Onde ainda se ouve "cala a boca" e os currículos são construídos e "passados" por quem já aprendeu para aqueles que nada sabem. Os mestres e doutores falam em nome da comunidade, escondidos, por vezes, atrás de títulos e siglas legitimadoras. Teorizam em cima de clássicos europeus e europeizantes sobre um povo que sequer sabe da existência desta tal de "Oropa". E se existem aqueles que pretendem "ouvir", os que não têm voz esbarram em mil obstáculos, dentre eles seus próprios pré-conceitos sobre essas vozes que pretendem decifrar.

O medo talvez provenha do medo de ouvir algo que não se quer ou que vai de encontro a nossas paixões narcisistas, elitistas ou etnocentristas. Permitir a fala pode significar a perda do poder ou mesmo mudanças tão significativas que mesmo os mais interessados não estão dispostos a arriscar.

Neste ponto, vejo como positivo o trabalho das comunidades e agentes de pastoral negra, os grupos de gênero e, de forma geral, os movimentos populares que estão crescendo cada vez mais. Eles são espaços onde, independentemente do objetivo dos seus líderes, as pessoas conversam e não apenas ouvem.

Sonho em dar minhas boas-vindas a uma faculdade que esteja menos preocupada em passar a matéria do que em ser espaço da construção do ser humano, do "Dasein" heideggeriano.

Dizem que o que nos torna humanos, entre outras coisas, é a linguagem, mas como bem sabemos, é preciso aprender a falar, e este aprendizado, me parece, não se conclui com 4 ou 5 anos de faculdade, ele simplesmente não termina. Aliás, ele pode inclusive ser desaprendido. Ao não falarmos, podemos cair na maldição de Hera, nos tornarmos meramente repetidores das últimas coisas que ouvimos.

Se nos tornarmos meros repetidores,

perderemos, assim como Eco, aquilo que amamos. E isso pode ser o nosso amor-próprio, nossa auto-estima, nossa cultura e até nosso próprio jeito de ser, vestir e agir.

"Nesse mundo nada se cria, tudo se copia" diz um ditado popular. Mas a minha esperança é que não sejamos cópias do meio que quer nos condicionar e reduzir-nos àquilo que não somos.

O Apóstolo São Paulo, que viveu em uma época de perda da identidade e de fé, gritava aos quatro ventos: "Vivam como se não" (1Co 7.29-31). O problema é que parece que a Igreja interpretou estes versículos durante muito tempo da seguinte maneira: "Vivam no Brasil como se não estivessem no Brasil. Façam cultos no Brasil como se não fossem para os brasileiros".

Mas levanto minha mãos aos céus e dou graças a Deus, que está despertando cada vez mais a sua Igreja para um "como se sim". Onde as portas estão sendo abertas depois de longos anos de imobilidade.

Parece que vejo e ouço o ranger das dobradiças dessas portas levantando a poeira do preconceito, fazendo barulhos e incomodando alguns que não gostam de barulhos (pessoas) diferentes. Mas é o próprio Deus quem move as portas, por isso não há mais quem as possa fechar!

Que Deus em Cristo nos dê, hoje e sempre, o dom do falar. E que esse falar não seja um reproduzir, antes um sempre "falar novo" das coisas que se tornam novas a cada dia e proclamam a Cristo.

Bibliografia

- DONATO, Hernâni. Dicionário de Mitologia. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GRIMAL, Pierre. Dicionario de Mitologia Griega y Romana. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.
- BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico-Etimológico. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 1.
- BRUNEL, Pierre (org.). Dicionário de Mitos. Titulários Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

D

*2
hc

